

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRANEO
6 de novembro de 2024

PLANET OF THE ARABS / 2005

Um filme de Jacqueline Reem Salloum

Realização, Argumento e Montagem: Jacqueline Reem Salloum

Cópia: dcp, cor, versão original em inglês com legendas eletrónicas em português /
duração: 9 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

MY LOVE AWAITS ME BY THE SEA / 2013

Um filme de Mais Darwazah

Realização e Argumento: Jacqueline Reem Salloum / **Montagem:** Vartan Avakian /
Direção de Fotografia: Arlette Girardot, Joude Gorani / Som: Jochen Jezussek, Issa J.
Qumsyah / **Música:** Cynthia Zaven / **Cor:** Jorge Piquer Rodriguez / **Intrepertação:**
Muhannad Halawani, Maryam Kanj, Nael Kanj, Leila Muammar.

Produção: The Imaginarium Films / **Produtor:** Rula Nasser / **Co-Produtor:** Michel
Balagué **Cópia:** dcp, cor, legendado em inglês e francês com legendas eletrónicas em
português / **duração:** 80 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sádico, Traíçoeiro e vil. De negociante de escravos a condutor de camelos, assim se caracterizou esta caricatura unidimensional emblema da incompetência atribuída à figura do "homem do Oriente", vindo de um espaço além-fronteiras - essencialmente uma terra de bárbaros - que poderia ser uma extensão ilimitada do que nos é familiar, mas é antes um campo fechado, fixo ao ocidente. A ideia que temos da sua representação é teatral. Embora pareça existir objetivamente, tem apenas uma realidade fictícia, não sendo um critério que este a reconheça. É o ocidente que estabelece os limites.

O grande ecrã - assim como o pequeno - só veio acentuar o estereótipo de um sub-humano, que, apesar de capaz de engenhosas tropelias, está demasiado comprometido com a sua inaptidão para constituir uma verdadeira ameaça. Uma vitória fácil para àquele que se lhe opõe, que é um dos "nossos" - ocidental - e, portanto, "bom". Ou pelo menos foi esta a base sobre na qual se viria a desenvolver a imagem que temos hoje.

Planet of the Arabs, livremente inspirado no livro *Reel Bad Arabs*, de Jack Shaheen, parece retratar uma fase tardia desta representação - a partir dos anos 70-, focando-se em produções da pátria-mãe do lado de cá do planeta, os Estados Unidos da América.

A ignorância que vigorava na anterior ficção – e engane-se quem pensar que esta foi abandonada, porque na sombra da nova imagem cabe todo e qualquer estereótipo e desconfiança já cunhado à figura do oriental –, nasce uma nova necessidade de a tornar mais perigosa e ameaçadora. Já não são apenas orientais, são especificamente árabes. Esta palavra tornou-se sinónimo de terrorista ou abastado senhor do petróleo (*sheiks*), com bolsos sem fundo, disposto a pagar qualquer preço pela sua relevância – invasora - no ocidente – colhendo de um antissemitismo primário. A sua presença – de qualquer das duas representações, sendo a primeira mais comum que a segunda - justifica-se unicamente como sendo uma ameaça à nossa existência, ou não continuasse esta narrativa a ser profundamente parcial. “Atacking our way of life” como se faz ouvir repetidamente no filme, como se de um refrão de uma música *metal* se tratasse, enquanto se veem disparos sobre a bandeira americana retirados de **Rules of Engagement**. A génese desta mudança é clara.

Certamente o embargo árabe ao petróleo dos anos 70 que tanto enfureceu os americanos com a subida do preço dos combustíveis, teve influência, assim como a revolução iraniana. Mas a mudança iniciou-se imediatamente após a Segunda Guerra Mundial com o inequívoco apoio da administração americana ao estado de Israel. A demonização histórica dos palestinianos, esse ato de propaganda do projeto colonial resultado de uma aliança entre a política e o entretenimento - Washington e Hollywood -, é fundamental para entender como é possível que à data de hoje, dia em que se conhece o vencedor das eleições norte americanas, nenhum dos candidatos à casa branca hesite no seu apoio incondicional a este estado genocida – que só se tende a agravar com a liderança de Donal Trump - de forma a contribuir para o fim dos atos atrozes a acontecer em Gaza neste preciso momento.

Tudo começou com uma geografia imaginária, no seguimento da lógica aplicada ao Oriente, dramatizando a distância e a diferença entre o que lhe é próximo e o que é distante. A palestina é retratada como um deserto habitado por nómadas, maníacos e selvagens, dispostos a dar a vida por um pedaço de nada. Numa visão sionista, só essa extensão do ocidente - que é Israel - pode fazer o território florescer. Pioneiro precoce desta tendência é o filme **Cast a Giant Shadow**, de 1966, com Kirk Douglas a ir auxiliar essas “inocentes vítimas da violência palestiniana”, vista como resistência ao progresso.

Planet of the Arabs pega em filmes que seguem este mesmo legado, com presença assídua da televisão americana - e não só -, onde se acentua conscientemente um retrato cada vez mais vil dos Árabes e Muçulmanos, a certo ponto já acusados de perpetuar os terríveis atos do Nazismo. Casos famosos, e que assinam presença nesta montagem, são: **Delta Force**, onde um grupo de Palestínianos sequestra um avião, e aterroriza especialmente os passageiros judeus; e **True Lies**, onde esta figura do fanático é cuidadosamente orquestrada.

Como se pôde verificar hoje, no discurso de vitória de Donald Trump dizendo que não permitirá que o holocausto se repita, esta narrativa continua em voga.

Uma das características mais interessantes desta obra, que se assemelha a um *trailer*, é que não se limita a identificar filmes que utilizem este grande palco do médio-orientes para reescrever e atribuir uma história e um papel a quem o habita – essa recolha é feita num exercício similar, talvez apenas um pouco mais “erudito” pelos arquivos que utiliza, no documentário experimental **Introduction to the End of an Argument**, de Jayce Salloum e do artista Elia Suleiman -, são recolhidos também trechos de filmes em que

a associação àrabes-ameaça já está tão interiorizada que estes “personagens” são convocados para situações que nada tem a ver com o médio-orientes, assumindo o mais puro preconceito. É o caso de **Back to the Future**.

O filme termina com a famosa cena de **Network** – tão fantástico quanto preconceituoso – onde Howard Beale, interpretado por Peter Finch, informa o espectador, pregando como um padre, que o ecrã lhe mente e que para descobrir a verdade este tem de “Turn off the TV”. Esta é talvez uma forma da realizadora, pelas suas origens e em representação de toda uma comunidade, dizer: “I’m mad as hell, and I’m not gonna take this anymore”.

É com isto em mente, depois de curtos, mas intensos nove minutos - talvez já um pouco mais imunes a propaganda – que nos é mostrado um outro filme, disposto a despir-nos dos preconceitos impostos. **My Love Awaits Me by the Sea** é um documentário poético de uma realizadora de origens palestinianas que visita pela primeira vez a sua terra natal, para ver e filmar por ela própria esta região à qual sempre lhe foi negado o acesso. A vigem é inspirada pelo artista plástico Hasan Hourani, que morreu aos 29 anos a tentar salvar o sobrinho no Porto de Jaffa.

Com lápis e aguarela Darwazah desenha e imagina uma história de amor impossível, entre a mesma e o artista palestino que nunca conheceu. Esta cruza-se com um novo paradigma do território, ilustrado por entrevistas a habitantes, retratados de forma simples e honesta, que sonham com uma vida um pouco mais normal. Sonho esse que parece cada vez mais distante.

Tiago Leonardo